



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Ensaio para uma receita de brevidade (quase-partitura de um cânone como oferenda musical)

Maria do Rosario Longo Mortatti

Como citar: MORTATTI, M. do R. L. Ensaio para uma receita de brevidade (quase-partitura de um cânone como oferenda musical). *In:* MENDONÇA, S. G. de L.; MIGUEL, J. C.; MILLER, S.; KÖHLE, E. C. (org.). **(De)formação na escola:** desvios e desafios. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 19-32.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-26-2.p19-32>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ENSAIO PARA UMA RECEITA DE BREVIDADE (QUASE-PARTITURA DE UM CÂNONE COMO OFERENDA MUSICAL)¹

Maria do Rosario Longo Mortatti

1 DA JORNADA

Escrever é uma longa jornada da alma, vagando entre infernos, purgatórios e paraísos.² Em que me lanço, quando afetada por uma experiência profundamente humana. Como um chamado de pessoas e terras estrangeiras³. Provocada pelo desejo de compreender e condensar em

¹ Para que o leitor não se zangue nem desista antecipadamente, advirto que o aparato de notas explicativas, embora cansativo, é intencional. Destina-se especialmente aos meus alunos que espero que leiam este texto. Os leitores familiarizados com os assuntos de que trato a seguir ou os que preferirem leitura mais ágil e breve podem optar por dispensar os rodapés e apreciar (se possível) apenas o corpo do texto.

² Referência ao grandioso poema *A divina comédia*, do escritor italiano Dante Alighieri (1265-1321).

³ Referência ao título de uma peça musical *Kinderscenen*, Op. 15, de *Scenes from Childhood*, 1838. nº 1. *Von fremden Ländern und Menschen* (*Of Foreign Lands and Peoples*) do compositor alemão Robert Schumann (1810- 1856).

palavras sensações ameaçadoramente dispersas. Fragmentos de um discurso amoroso⁴. Brevidade⁵ que se completa ao se desfazer. Tocada pela língua, umedecida de saliva, grudada nos dentes. Degustada em um único bocado. Ínfimo. Efêmero. Desafiando a fome insaciável e a sede infinita. Intenso suspiro. Respiração suspensa. Sintaxe em suspeição. Entrecortada por lâminas. Incisas encravadas. Que não se submete à sensatez. Controversa. Incoerente. Desajuizada. Coordenativamente insubordinada. Elíptica. Enigmática. “Decifra-me ou te devoro”⁶.

Procurando a clave⁷ e a armadura para modular o caos. Tonalidades relativas e modos transpostos. Tensamente instáveis. Dissonâncias em busca de resolução. O cânone⁸ perpétuo. Polifonicamente⁹ solitário. Que

⁴ “Substituiu-se, então, à descrição do discurso amoroso sua simulação, e devolveu-se a esse discurso sua pessoa fundamental, que é o *eu*, de modo a pôr em cena uma enunciação e não uma análise. É um retrato, se quisermos, que é proposto; mas esse retrato não é psicológico; é estrutural; ele oferece como leitura um lugar de fala: o lugar de alguém que fala de si mesmo, apaixonadamente, diante do outro (o objeto amado) que não fala.” BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. H. Santos. 5. ed. Rio de Janeiro, 1985. p.1.

⁵ A escolha do tema deste texto – brevidade – inspira-se em fecunda interlocução com poeta, cujo nome deixo de mencionar, em respeito a seu pedido, e a quem agradeço pelo bem que me proporcionou.

⁶ “Refere-se ao enigma da Esfinge de Tebas, na mitologia grega: que animal tem quatro patas pela manhã, duas à tarde e três, à noite? Essa pergunta era feita pela esfinge aos passantes. Os que erravam eram devorados por ela. A resposta: é o homem, que engatinha, quando bebê; anda sobre duas pernas, quando adulto; e utiliza bengala além das pernas, na velhice.”

⁷ Referências cruzadas: ao poema “Trouxeste a chave”, de Carlos Drummond de Andrade; e ao termo musical “clave”, do latim “*clavis*” (“chave” em português): sinal que se coloca no início da pauta/pentagrama (as cinco linhas da partitura musical), para indicar ao músico como lê-la. “[...] Serve para dar nome e altura da nota. [...] A clave indica qual a posição de uma das notas e todas as demais são lidas em referência a essa nota. Cada tipo de clave define uma nota diferente de referência. Dessa maneira, a “chave” usada para decifrar a pauta é a clave, pois é ela que vai dizer como as notas devem ser lidas.” E executadas! Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Clave>. Acesso em: 12 fev. 2020.

⁸ “Cânone” é o termo utilizado na nomenclatura musical para designar “[...] a forma polifônica, em que as vozes imitam a linha melódica cantada por uma primeira voz, entrando cada voz, uma após a outra, uma retomando o que a outra acabou de dizer, enquanto a primeira continua o seu caminho: é uma espécie de corrida onde a segunda jamais alcança a primeira.” Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2none_\(m%C3%BAsica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%A2none_(m%C3%BAsica)). Acesso em: 12 fev. 2020 “Cânnon (ou *Kanon*, em alemão) é uma peça musical de repetições feitas para 3 violinos e um violoncelo contínuo, ou seja, o 1º violino (ou primeira voz) inicia com parte da melodia, e depois de uma sequência de acordes de I IV e V graus, este inicia outra parte no mesmo momento que o 2º violino inicia a mesma melodia já tocada pelo 1º, sendo que quando o 3º violino inicia a mesma melodia já tocada pelo 1º e 2º violinos, o 2º passa a tocar o que o 1º tocou, em suma, são blocos de dois compassos tocados pelo 1º violino, os quais são repetidos pelos demais, tornando melodias harmonicamente sobrepostas. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Pachelbel. Acesso em: 12 fev. 2020. Entre os cânones mais célebres está o *Cânone em Ré Maior* (originalmente *Cânone e Giga para 3 violinos e baixo contínuo* (*Kanon und Gigue für 3 Violinen mit Generalbaß*), composto pelo músico barroco alemão Johann Pachelbel (1653 - 1706).

⁹ A “[...] polifonia tem como principal propriedade a diversidade de vozes controversas no interior de um texto. Conforme a tese do filósofo da linguagem russo Mikhail Bakhtin [1895-1975], este conceito se caracteriza pela existência de outras obras na organização interna de um discurso, as quais certamente lhe concederam

se desdobra em vozes sucessivas. Derivações em contraponto. Variações sobre um tema. Solidário. Cada uma delas marcada por circunstâncias e vicissitudes. Compassada pelas condições objetivas e subjetivas de composição da humana experiência.

Como as que motivaram este texto. Receita-quase-partitura de um cânone. Como uma modestíssima oferenda musical.¹⁰ Provocada pelo “*Thema regium*”. Dedicada ao rei que me desafia. Que se interpreta com a liberdade íntima do ensaio exposto no corpo do texto: risco e esboço. Que sussurra em rodapé, professora-pesquisadora subordinada e obediente (deliberadamente parentética, redundante, pleonástica, porque zelosa e ciente de que a aprendizagem depende do ensino) às normas do necessário didatismo e do imprescindível rigor científico: ingredientes e modo de preparo, instrumentos e modo de execução. Que responde ao chamado da companheira que me convidou para esta Jornada¹¹. Desejando com ela compartilhar o afeto¹². E convidar outras vozes para a sucessão de escalas,

antecipadamente boas doses de ascendência e ideias iluminadas. Este elemento não tem o mesmo significado da heterogeneidade enunciativa, que alude ao potencial desenvolvimento das vozes que já estão presentes na obra, ao passo que a polifonia se refere a variadas falas que intervêm no texto. O pesquisador russo vincula esta noção ao romance polifônico, que se opõe ao monológico. Ele se baseou principalmente na obra do escritor Fiódor Dostoiévski, seu conterrâneo e autor de clássicos como *Crime e castigo* e *O idiota*. Nesta modalidade polifônica todo personagem atua livremente, com ponto de vista, voz e postura pessoais, no contexto em que estão inseridos. Uma única manifestação verbal que submete as outras expressões orais caracteriza o diálogo monofônico, enquanto as controvérsias marcam a polifonia. Alguns estudiosos, como Beth Brait, defendem que a ironia é um recurso inerente ao gênero polifônico; por outro lado, a afirmação de uma opinião traz em si tão somente uma voz predominante, portanto aí não há nenhuma possibilidade de debate. Disponível em: <https://www.infoescola.com/linguistica/polifonia/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁰ A *Oferenda Musical* (em alemão *Musikalisches Opfer ou Das Musikalische Opfer*), é uma coleção de cânones, fugas e outras obras musicais de Johann Sebastian Bach (Eisenach, 21 de março de 1685 — Leipzig, 28 de julho de 1750), baseada num tema musical de Frederico II da Prússia (Frederico, o Grande) e a ele dedicada. [...] A coleção tem sua origem num encontro entre Bach e Frederico II em 7 de maio de 1747. [...] Frederico queria mostrar a Bach uma novidade. O pianoforte foi inventado uns poucos anos antes e o rei tinha esse instrumento experimental, alegadamente o primeiro que Bach viu. Bach, que era bem conhecido por seu talento na arte da improvisação, recebeu o seguinte tema, o *Thema Regium* (“tema do rei”), para improvisar uma fuga [...] Segundo Gaines [...] a proposta de Frederico, na realidade era para humilhar o *velho* Bach, pois o tema fornecido fora construído de tal forma que imaginava-se impossível aplicar a ele as regras da polifonia [...]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Oferenda_Musical. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹¹ Este texto resulta da provocativa interlocação, a convite da professora Sueli Guadalupe de Lima Mendonça, na Mesa de debate: “Esvaziamento do currículo da educação básica ao ensino superior”, durante a 18ª JORNADA DO NÚCLEO DE ENSINO – “(De)formação na escola: desvios e desafios”, promovida pelo Núcleo de Ensino de Marília, Grupo de Pesquisa “Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural” e Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Câmpus de Marília e realizada entre os dias 03 e 05 de setembro de 2019.

¹² “Afeto” e “Afetar” derivam do Latim “*Affectio*”, “relação, disposição, estado temporário, amor, atração”, da raiz de “*Afficere*”, “fazer algo, agir sobre, fazer, manejar”. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/afeto-e-afetar/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

acordes, intervalos. De tempos e contratempos. Versos controversos. Timbres e tons. Tessituras e registros. Instrumentos e vozes. Melodias e harmonias sobrepostas. Tocadas em fuga¹³. Cantadas em coro. Aquecidas em *vocalise*¹⁴. Afinadas e bem temperadas¹⁵. Prováveis. Intensas. Até se desmancharem no céu da boca. *Chiusa*¹⁶. Destino das brevidades.

2 DE AMBROSIAS

ambrosia

sf

1 MIT Alimento dos deuses do Olimpo que dava e conservava a imortalidade; manjar dos deuses.

2 POR EXT Comida ou bebida com cheiro e sabor deliciosos.

3 CUL Doce feito com leite e ovos cozidos na calda de açúcar, aromatizado com baunilha.

4 FIG Aquilo que proporciona grande prazer.

ETIMOLOGIA gr ambrosía.

(<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=1m0o>)

¹³ Fuga “[...] é um estilo de composição contrapontista, polifônica e imitativa, de um tema principal, com sua origem na música barroca. Na composição musical o tema é repetido por outras vozes que entram sucessivamente e continuam de maneira entrelaçada. [1] Começa com um tema, declarado por uma das vozes isoladamente. Uma segunda voz entra, então, “cantando” o mesmo tema mas transposto na dominante, enquanto a primeira voz continua desenvolvendo com um acompanhamento contrapontista. As vozes restantes entram, uma a uma, cada uma iniciando com o mesmo tema. O restante da fuga desenvolve o material posterior utilizando todas as vozes e, usualmente, múltiplas declarações do tema.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fuga>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁴ “*Vocalise* é um exercício vocal que consiste em cantar sobre uma ou mais vogais, várias linhas melódicas com notas especificamente arranjadas como prática didática. Também é a parte vocal sem palavras da música polifônica do Século XIII e XIV, quando a música não possuía texto.” Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vocalise>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁵ “Temperamento musical é um esquema para dividir ou temperar a oitava. Ao longo dos tempos, foram propostos mais de 100 sistemas. Desses, não mais de 20 terão sido realmente usados com mais generalidade. Os vários sistemas ecoam os vários estilos e gostos musicais das suas épocas. E estes, por sua vez, também influenciaram os tipos de afinações adotado.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Temperamento_musical. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁶ “*Bocca chiusa* [...] é um termo em italiano, que significa cantar com a boca fechada. É uma técnica usada para o ‘aquecimento vocal’, cantando-se as denominadas *vocalises diatônicas* em acompanhamento com um teclado ou piano, que toca a melodia da *vocalise*, sendo que o cantor ou coralista por sua vez, a reproduz. Caracteriza-se por cantar com a boca fechada transferindo a ressonância para a região nasal.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bocca_chiusa. Acesso em: 12 fev. 2020.

Em 1988, escrevi o poema “Receita de ambrosia”. Provocada e inspirada pela pergunta de uma aluna do curso de formação de professores¹⁷.

RECEITA DE AMBROSIA

Entre comer e saber comer, a diferença é apreciável...

Dona Benta

“Professora, como você prepara suas aulas?”

(Ou terá sido: “Como você ama?”)

1º. ATO: O Ensaio

- imagino as necessidades orgânicas e as fantasias do paladar;
- penso no prato do dia: o que quero compartilhar?;
- projeto o requinte do ritual da última ceia;
- busco receitas nas prateleiras das estantes e ingredientes nas despensas da memória;
- elejo o que se ajusta ao tempo e formas que não tenho;
- tempero; o agora de depois;
- preparo: misturo-sinto-palavreiro-experimento-penso-saboreio
- entrego-me: fogo forte, fervura; fogo brando, vigília.

2º. ATO: O Ritual

- convido: senta-se à mesa comigo? o prazer é todo meu;
- o aperitivo, sinfonia de cristais, a toalha, cenário de linho, a entrada, dança de olhos-farfalhar de pernas, o prato principal, pantomima de línguas-sussurro de talheres, a sobremesa, entremeio de sabores, o café, teia de sensações, o licor, arremate do sabor.

¹⁷ Trata-se do CEFAM - Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério. Esses centros foram criados pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e instalados em algumas escolas e cidades paulistas, em substituição à Habilitação Específica para o Magistério – 2º. grau. Entre 1988 e 1991, lecionei no curso de formação de professores em nível de 2º. Grau (hoje, ensino médio), do CEFAM-Campinas.

3º. ATO: A Solidão

- repouso: foi bom, meu bem?;
- enfim!;
- fecho portas, recolho sobras, giro botões, apago luzes;
- re-me-moro, re-te-moro? re-projeto, te revejo?
- “E vocês, como saciam a fome?”

(M. R.— 1/7/88)¹⁸

Em continuidade a esse, trinta e um anos depois escrevi outro texto sobre formação de professores¹⁹. Dessa vez, atendi ao chamado daquela companheira de jornada. Hoje colega, professora universitária, para cuja formação como professora e pesquisadora tive a satisfação de contribuir. Fui sua professora de “Metodologia do ensino de língua portuguesa” e de “Literatura infantil”, no curso de Pedagogia, e orientadora de suas pesquisas sobre história do ensino da leitura e escrita, no mestrado e no doutorado em Educação. Integrou a que considero ser a última geração de estudantes que eu formara para o magistério até então. Assim como tantas e tantos jovens aos quais eu podia dizer, sem pestanejar: “você são *‘la crème de la crème’*”.²⁰ Companheiros de jornadas da alma e do corpo. Oferecia-lhes ambrosias. Acolhiam. Preparamos e saboreamos juntos. Regadas de afeto. Muitas “no ponto”. Algumas nem tão doces. Outras amargas. Experimentamos a sábia lição de Dona Benta: “A diferença entre comer e saber comer é apreciável”. Aprendemos o prazer do preparo e da degustação solidária do manjar dos deuses. E a interlocução fecunda de pessoas mortais, imperfeitas, mas inquietas, sensíveis e desejantes. Nossas histórias compartilhadas de vida e de formação de professores estão imortalizadas em tantos textos. Presentes

¹⁸ Publicado originalmente em: MAGNANI, M. R. M. *Em sobressaltos*: formação de professora. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. 3a. ed. rev. e atualizada, pela Oficina Universitária, Unesp/Marília, 2019. Disponível em: http://ebooks.marilia.unesp.br/index.php/lab_editorial/catalog/book/156. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁹ Trata-se de: “Formação de professores como processo discursivo: cenas de uma peça didática”, publicado na *Revista Brasileira de Alfabetização*, v.1, n.9, p. 9-59, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://abalf.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Revista-ABAlf-v.-1-n.-09.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2020.

²⁰ Expressão em francês, cuja tradução é “a nata da nata”. Significa, em sentido literal: “Parte gordurosa do leite, que se forma à superfície e da qual se faz a manteiga”; e em sentido figurado: “O que há de melhor em alguma coisa, especialmente num grupo social; escol, elite.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/nata/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

em tantos mimos: Cervantes, Cecília, leque, perfumes, vinhos, taças, xícaras, caneca, canetas, caderninhos de anotações...

Sem inócua nostalgia, nem acacianos²¹ conselhos: os tempos mudaram, embora muitas coisas boas e ruins permaneçam, se repitam ou se desdobrem. O mundo, o país, a educação, a escola, os alunos e eu, também. Mas não perdi a esperança na educação e no magistério. Nem a esperança de que ao menos as perguntas-lâminas continuem se renovando, inquietando, incomodando. E sua incompreensão provoque outras tantas e suas possíveis respostas-perguntantes. Com tempo. No tempo. Nem perdi a capacidade de me indignar com a indiferença e inapetência daqueles a quem, obstinadamente, tento ensinar a fome, oferecer a faca e o queijo... e as ambrosias. Também não me esqueci da compreensão, realista e, por vezes, consoladora: formação de professores é parte do processo de formação humana. Que não se submete a controle. Confrontado com as urgências. Sobressaltado por contingências.²²

Disso tratei naquele texto recém-escrito também. Como peça didática. Inspirada em Brecht. Síntese de quatro décadas de formadora de professores. De intenso e sempre renovado convite à polifonia. Canônica. Em clave de Sol. Em clave de Fá. Luminosidade e gravidade. Tons e semitons. Elevada em sustenidos. Sempre esperançosa de que à primeira voz venham se juntar outras e outras e outras. Para ensinar e aprender a apreciar o sublime. Como aprendi com os que me ensinaram. Para poderem ensinar a outros que ensinarão a outros... Embora sempre impactada no confronto com a solidão docente. Apesar do genuíno esforço de muitos alunos. Alguns, poucos, muito poucos hoje conseguem acolher o chamado, vislumbrar o encanto, se lançar ao desafio, enfrentar o desconhecido. Confiantes no amparo de quem ensina. Para a maioria, a grande maioria, infelizmente, é apenas um convite estranho, que desconcerta e imobiliza o pensamento e a ação. Uma jornada inimaginável, insondável, inatingível e temida. Frente à qual recuam e se fecham. Em silêncio. Mesmo quando

²¹ De “Conselheiro Acácio”, personagem do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. “Esta figura fictícia tornou-se célebre como representação da convencionalidade e mediocridades dos políticos e burocratas portugueses dos finais do século XIX, sendo até à actualidade utilizada para designar a pompa balofa e a postura de pseudo-intelectualidade utilizada por muitas das figuras públicas portuguesas. Deu origem ao termo acaciano, designação utilizada para tais figuras ou para os seus ditos.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselheiro_Ac%C3%A1cio. Acesso em: 12 fev. 2020.

²² Especialmente estas últimas frases remetem à tese de doutorado, em que trato do tema, sob a forma de epopeia. Está publicada no livro *Em sobressaltos: formação de professora*, citado na nota 15 deste texto.

insisto em oferecer e provocar. Como constato com certa tristeza no epílogo da peça didática. Um coro quase inaudível que provavelmente ficará, mais uma vez, sem respostas.

EPÍLOGO

CORO:

Nosso trabalho foi bem-sucedido?
Vivenciamos os ensinamentos
do processo discursivo e do interacionismo linguístico:
aos crédulos bem-intencionados,
o espanto com a regra;
aos oprimidos,
a consciência do abuso;
aos conscientizados,
a experiência da mudança.
Nosso relato nos mostra o quanto
é necessário para transformar,
ao menos a educação brasileira
e o ensino de língua e literatura:
conhecimento e inconformismo,
indignação e resistência,
intervenção rápida, profunda ponderação,
muita coragem, infinita perseverança,
compreensão da parte e compreensão do todo:
só ensinados pela realidade é que podemos
transformar a realidade.
O que fazer, então?
Que decidam os participantes de nossa jornada!²³

²³ Esse trecho foi extraído do texto “Formação de professores como processo discursivo: cenas de uma peça didática”, citado na nota 16. Trata-se de paráfrase, com muitas adaptações, do epílogo da peça *A decisão*, de Brecht ([1929/1931] 1992).

3 DA SOLIDÃO DOCENTE

Tarde de domingo. Férias de janeiro. Fui ao *shopping center*, para caminhar abrigada da chuva e com o pretexto de procurar um enfeite qualquer. Para renovar a decoração da casa. Escolhi uma loja atraente, peças dispostas como convite. Logo me recepcionou uma jovem bonita, muito arrumada, com maquiagem caprichada. Pareceu-me que a conhecia. O olhar, o sorriso eram familiares. Provavelmente uma de minhas ex-alunas do curso de Pedagogia. Olhei-a fixamente nos olhos, agradecendo pela acolhida entusiástica. Para não criar nenhum constrangimento, comum nesses momentos de professora fora da sala de aula, aguardei que ela me reconhecesse. Então, eu poderia confirmar. Mas, não! Ela não me deu nenhum sinal. Continuou me atendendo como cliente recém-conhecida. Com perguntas, informações e sugestões de vendedora bem treinada, zelosa e simpática. Agradei. Incomodada e pensativa. Disse que ia somente olhar. Ela me acompanhava a uma distância discreta, cuidadosamente calculada, vigilante. Virei-me para perguntar o preço de uma peça. Informou com agilidade. Destacou as qualidades, certamente para justificar o preço. Mas, nada! Nenhuma palavra. Nenhum sinal que pudesse indicar que nos conhecíamos. Agradei novamente. Continuei circulando pela loja. Nem prestava muita atenção no que via. A dúvida me incomodava. Até que me virei. E a vi de novo, à minha frente. Não resisti. Perguntei seu nome:

— A., disse ela.

Meu susto foi grande:

— Então você foi minha aluna no curso de Pedagogia! Agora me lembro desse de seu nome, seu sorriso e seu olhar. Você sempre participava das aulas, perguntava suas dúvidas... Até cito falas suas num texto que escrevi recentemente. Não se lembrou de mim? Mesmo?

— Não...

— Que situação estranha! É comum que professores não se lembrem dos alunos. No meu caso, até muito justificável. Afinal são mais de 40 anos de profissão e milhares e milhares de alunos, em diferentes cidades e estados brasileiros. Às vezes, olhando fixamente nos olhos, reconheço alguns, os mais recentes. Nem sempre consigo relacionar a pessoa com o nome. Mas nunca vi caso de aluno que não se lembre de professor! Vocês

veem a professora durante três a quatro horas uma vez por semana, durante um semestre letivo! Que coisa estranha!!!

Com um jeito dissimulado e, de novo, bem treinado, perguntou:

— A senhora é a professora ...? Qual mesmo é seu nome?

Respondi com espanto! E ela finalmente concordou que me conhecia:

— Ah, sim. Agora lembro! Achei que a conhecesse quando você entrou, mas não tive certeza...

— Nossa, será que mudei tanto assim? É verdade que a gente envelhece... A fisionomia pode mudar... Mudei nos últimos anos. O tempo passa... Em que ano você se formou?

— Ah! Foi no final do ano passado!

— Não diga!!! Não pode ser! Então faz só um ano e meio que fui sua professora²⁴!

— Pois é...

Decidi não encomprar aquela conversa. Estava desnorteada. Continuei caminhando devagar pela loja pequena. Intercalava uma breve conversa, um olhar para alguma peça de decoração e um olhar para ela. Cumpria a função de cliente. Uma vez reconhecida, optei pelo comportamento protocolar em encontros com ex-alunas:

— E aí? O que você pretende fazer na profissão de professora? Ou vai continuar como vendedora?

— Eu não vou seguir a profissão, não. Fiz estágio²⁵, terminei o curso. Até gostei. Mas também sempre gostei de contato com o público. E estou me acostumando e gostando deste emprego: loja bonita, a gente sempre arrumada, conversa com o público, salário melhor ... Ainda estou treinando e aprendendo. Mas gosto muito ...

²⁴ Refiro-me à disciplina “Conteúdo, metodologia e prática de ensino: língua portuguesa e literatura infantil”, que ministro, no primeiro semestre letivo, para as turmas de alunos do 3º. Ano do curso de Pedagogia da FFC-Unesp-Marília.

²⁵ Trata-se de estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia e deve ser realizado em escolas de educação infantil e ensino fundamental (1º. ao 5º. Anos).

— Bem, você tem de fazer o que a deixa feliz. E parece muito bem aqui...

— Vamos ver! Estou me empenhando...

Elogiei a performance como vendedora. Eu nem tinha reconhecido... Desejei sucesso na nova profissão. Agradei pela atenção. Saí, dizendo que ia pensar nas peças que tinha visto. Se decidisse, voltaria para comprar.

Nem um cafezinho para me acalmar. Andei a esmo. Olhando vitrines desnecessárias. Impactada. Será que eu é que mudei tanto assim em um ano e meio? Minha fisionomia tão irreconhecível?

Lembrei-me das perguntas de A. que incluí na peça didática sobre formação de professora:

ALUNA A.: Entendi que a diferença é que para ser texto tem de ter autor, e trabalho é da “função aluno”, como na “redação escolar” que Geraldi fala naquele artigo, quando ele compara a redação “A casa é bonita”, do aluno que foi aprovado no 1º. ano, com o texto “menino pionhento”, que foi reprovado no 1º. ano (*Referindo-se ao artigo “Escrita, uso da escrita e avaliação”*).²⁶

ALUNA A.: [...] Preciso dizer que me senti mal em muitas aulas. Vou ler o que escrevi: “Eu achava que sabia fazer bons trabalhos para sua disciplina. Sempre tirei nota boa. De repente chega alguém e te mostra que não é nada disso, que não é por aí... Fiquei pensando: que tipo de professor vai ser eu, sem conhecer uma das coisas mais importantes? Vou chegar lá e ensinar o que aprendi? Formar do mesmo jeito que fui formada? Ser um professor ‘meia boca’ e achar que está tudo bem? Não! Não quero ser esse professor, eu quero chegar à sala e assim como você, ser culta, ter conhecimento, fazer pensar, desestruturar meus alunos.”

E era justamente nesse texto-peça didática em que eu estava pensando, quando decidi espairer, procurando futilidades domésticas. Planejava iniciar o ano letivo com a nova turma, pedindo que lessem esse

²⁶ Esse artigo integra a coletânea *O texto na sala de aula* (Ática), organizada por João Wanderley Geraldi. É um dos livros de leitura obrigatória na disciplina que ministro no curso de Pedagogia.

texto que escrevi para meus alunos. E que, talvez tolamente, imaginava ter escrito *com* eles, também... Seria um bom começo. Síntese e apresentação de minha proposta de formação de professores que se formam no trabalho de formação de e por outros. Como eu. Também formada por outros. E poderiam ouvir as vozes dos colegas que os antecederam. Retomá-las. Concordar ou se contrapor. Dizerem o que pensam e o que esperam da disciplina. Era justamente nisso que eu pensava, quando encontrei a ex-aluna. Que não se lembrava de eu ter sido sua professora...

4 DE BREVIDADES

brevidade

sf

1 Qualidade do que é breve.

2 Curta duração.

3 Qualidade ou característica do que é conciso; concisão, laconismo, sintetismo.

4 Bolinho feito de polvilho (ou araruta ou maisena), ovos, açúcar etc. assado no forno, muito comum no Nordeste (BA), Sudeste (SP) e Centro-Oeste (MT).

ETIMOLOGIA lat *brevitatem*.

(<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=XzDp>)

As brevidades. Em oferenda. Regadas de afeto. Algumas “no ponto”. Íntegras. Em bocados perfeitos. Outras nem tanto. Ressecadas. Engasgantes. Sufocantes. Muitas outras, apressadas. Partidas antes do tempo. Migalhas desperdiçadas. Espalhadas pelo chão.

Brevidades e ambrosias. Improváveis. Indecifráveis. Devoradoras. A solidão docente. A inapetência discente. Confrontando a fome insaciável. A sede infinita. Afrontada pela provisoriedade. A brevidade indesejada. A imortalidade prometida. A preparação da partilha. Imagino. Escolho. Entrego-me.

O convite. A oferenda. “Senta-se à mesa comigo?” A disposição renovada. Explicar. Explicar novamente. Mais uma vez. Explicar com outras palavras. Melhor dizendo. Ou seja. Parênteses elípticos. Aspas incisivas. Rodapés digressivos. Prolixa. Inconcisa. Boca seca. Língua cansada. Afônica de monofonia. “Foi bom, meu bem?”

Jornada em vórtice. Sínteses e retomadas. Redundante convicção. Inesgotável resiliência. Do discurso amoroso. Dos fragmentos em fuga. Toadas e retoadas. O desafio do “*Thema regium*”. A resiliência canônica. *Ricercare*. Rondó. Compasso de espera. No tempo. Apesar dos contratempos. Da imprevisibilidade das coincidências bissextas. O desejo da degustação compartilhada. Do prolongamento da efemeridade. Da beleza infinita. Tocada. Irretocável.

5 “*MA FIN EST MON COMMENCEMENT/MON COMMENCEMENT EST MA FIN*”²⁷

A oxítone solidão. Na multidão. No turbilhão. A sofreguidão. A insensatez. A prenhez. A criação. O rondó. Devorar-me-á?

A paroxítone brevidade das ambrosias. O chamado do afeto. A jornada. O curso. O decurso. O discurso. O avesso do permitido. O direito do proibido. O ensaio. A receita-quase-partitura. *Ricercare*. A modesta oferenda. Apreciável. O guloso desejo. Infundável. O sublime. Indecifrável.

O proparoxítono efêmero-fôlego-ávido. Palíndromos. Em vórtice. Em “dúvida metódica”.²⁸ Hiperbólica controvérsia. Em código. Críptico.

²⁷ “*Meu fim é meu começo/ Meu começo é meu fim*”. Esse é o título do cânone do compositor e poeta francês Guillaume de Machaut (1300-1377). É um cânone enigmático ou *Ricercare* ou *Rondeau* “[...] do tipo caranguejo, com uma terceira voz que é uma *palíndrome* musical.” “[...] um caso raro onde o compositor usou em uma das vozes a técnica da escrita retrógrada, cantando a melodia a partir do seu final, justificando o título. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guillaume_de_Machaut. Acesso em: 12 fev. 2020.

²⁸ Referência ao método utilizado pelo filósofo, físico e matemático francês Descartes (1596-1650). “Notabilizou-se sobretudo por seu trabalho revolucionário na filosofia e na ciência, mas também obteve reconhecimento matemático por sugerir a fusão da álgebra com a geometria - fato que gerou a geometria analítica e o sistema de coordenadas que hoje leva o seu nome. Por fim, foi também uma das figuras-chave na Revolução Científica. Descartes, por vezes chamado de ‘o fundador da filosofia moderna’ e o ‘pai da matemática moderna’, é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental. Inspirou contemporâneos e várias gerações de filósofos posteriores; boa parte da filosofia escrita a partir de então foi uma reação às suas obras ou a autores supostamente influenciados por ele. Muitos especialistas afirmam que, a partir de Descartes, inaugurou-se o racionalismo da Idade Moderna”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ren%C3%A9_Descartes. Acesso em: 12 fev. 2020.

Ambigramático. Atônito. Ilógico. Incógnito. Enigmático. Término e início. Canônico. Cântico dos cânticos. “Êxtase puríssimo”²⁹. Música de câmara. Recôndita. Litúrgica. Anímica. Epílogo e prelúdio.

A última página. Quase-afônica. Elíptica. Ínfima. Brevíssima. Translúcida. Sempre-vívida. Perpétua. Apocalíptica. Anagramática:

Ler, reler, reviver, reter. Para ensinar e aprender a fruição da intensidade infinita de cada íntegro bocado de ambrosíaca brevidade. Como se fosse única. A última.



²⁹ Expressão extraída do conto “Felicidade clandestina”, de Clarice Lispector.